

### III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade – 2025

Territórios em Luta: Práticas dissidentes de (re)existência

#### REDES MIGRANTES E CONSTRUÇÃO DE PEDAÇOS: ADVERSIDADES E SOCIABILIDADES AFRICANAS NO CENTRO DE SÃO PAULO

Sessão Temática: 4 – Cidade e paisagens em disputa

**RESUMO:** O estudo busca compreender como os imigrantes africanos, sujeitos negros, que atuam na região da República, São Paulo, constroem e mantêm um *pedaço*, segundo o conceito de José Guilherme Magnani, como espaço de sociabilidade, pertencimento e práticas cotidianas. Mais do que um ponto de comércio, esse pedaço representa um território social onde vínculos culturais e afetivos se entrelaçam. A análise considera não só os desafios da informalidade do trabalho e da migração intercontinental, mas também a inserção desses sujeitos no sistema racial brasileiro, marcado pelo racismo estrutural que reforça a marginalização, o controle e a estigmatização dos corpos negros. Nesse contexto, o *pedaço* se torna também espaço de resistência, de proteção e de afirmação identitária, onde as redes de apoio e as práticas culturais fortalecem a comunidade diante das adversidades econômicas, sociais e raciais cotidianas. A rotina de vendas, realizada principalmente nas barracas de rua, reflete essas dinâmicas e evidencia como os imigrantes organizam seu trabalho diário, interação entre si e com os clientes, e mantêm suas práticas culturais e econômicas, tornando visíveis as estratégias de sobrevivência, cooperação e resistência dentro da dinâmica espacial.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunidades africanas, dinâmicas urbanas, territorialidade, etnografia urbana, redes de imigrantes.

#### ***Migrant Networks and the Formation of “Pedaços”: African Experiences of Sociability and Adversity in Central São Paulo***

**ABSTRACT:** In order to understand how black african immigrants living and working in República, São Paulo, construct and sustain a ‘pedaço’, as conceptualized by José Guilherme Magnani, understood as a space of sociability, belonging, and daily practices. More than functioning as commercial points, these ‘pedaços’ constitute social territories where cultural and affective ties intersect. The analysis addresses the challenges of informality and intercontinental migration, as well as the integration of these individuals into the Brazilian racial system, characterized by structural racism that reinforces marginalization, control, and the stigmatization of black bodies. Within this context, the ‘pedaço’ also emerges as a space of resistance, protection, and identity affirmation, where networks of support and cultural practices strengthen the community amid daily economic, social, and racial adversities. The

*study further highlights the daily sales routines at street stalls, illustrating how immigrants organize their work, interact with each other and clients, and maintain both cultural and economic practices, revealing strategies of survival, cooperation, and resistance that shape life within the spatial dynamics.*

**KEYWORDS:** *African communities; urban dynamics; territoriality; urban ethnography; immigrant networks.*

## INTRODUÇÃO

O centro de São Paulo é território de múltiplas circulações e disputas urbanas, onde a presença de imigrantes africanos se destaca, especialmente na região próxima à Praça da República. Esses sujeitos, em sua maioria negros, constroem e mantêm espaços conhecidos como *pedaços*, entendidos como territórios sociais nos quais práticas de sociabilidade, pertencimento e atividades cotidianas se entrelaçam (Magnani, 1984; Toledo e Spaggiari, 2024). Tais espaços vão além de pontos de comércio: funcionam como redes de apoio e mecanismos de resistência frente a desigualdades, informalidade econômica e racismo estrutural (Munanga e Gomes, 2016; Villalobos, 2019) que estão intrínsecos às ações e rotinas cotidianas.

A hipótese “quais os riscos de ser um trabalhador de rua?”, aprofundando com “quais os riscos de ser um trabalhador de rua *imigrante, africano e negro?*”, pensava em definir quais as estratégias encontradas e utilizadas para contorná-los. Com o avanço do estudo, percebeu-se que havia camadas mais profundas do que aquelas previstas, demandando outros campos do conhecimento urbano e social para desmembrá-las, como a etnografia.

O objetivo do estudo foi compreender como os imigrantes negros africanos estruturam suas rotinas de trabalho, interações sociais e práticas culturais, e como elas revelam a dinâmica das redes de apoio que sustentam a comunidade diante das adversidades urbanas, somadas ainda à uma camada racial. A pesquisa busca, assim, evidenciar como a ocupação do espaço público pelos imigrantes africanos não é apenas funcional, mas também política e cultural, e que reconfigura as dinâmicas da cidade e desafia modelos urbanos e sociais excludentes.

## METODOLOGIA

O recorte territorial foi escolhido por sua concentração significativa de imigrantes africanos e pela presença consolidada há mais de 10 anos desses espaços de sociabilidade que articulam trabalho, identidade e resistência entre os imigrantes.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem analítica qualitativa, quantitativa e etnográfica, buscando compreender a experiência cotidiana desses sujeitos. Em um primeiro momento foram realizadas e registradas diversas observações, caminhadas pelo entorno, conversas informais. A partir da coleta dessa aproximação mais externa, foi resolvido organizar, de forma mais padronizada, como receberíamos esses dados. Logo, foram realizadas entrevistas estruturadas em forma de questionário com os vendedores de barracas de rua, além de mais registros fotográficos e desenhos técnicos, a fim de responder questionamentos como: “quem são os atores do espaço? Como eles interagem? Quem manda nesse território? Como eles contornam os riscos identificados (e também aqueles elencados por eles)? Como se organizam para fazer isso? As barracas são regularizadas e legalmente permitidas? Como/onde eles armazenam a estrutura da barraca?”, e a cada pergunta realizada, surgia uma série de outros questionamentos.

Para organizar as informações já obtidas, assim como estruturar aquelas que ainda não haviam sido respondidas, foram elaboradas estratégias que permitissem reunir todos os dados relevantes, articulando observações empíricas com o referencial teórico da antropologia urbana (Magnani, 2002; Toledo e Spaggiari, 2024). Esses conteúdos, uma vez dispostos em estratos conceituais e distribuídos em camadas conforme a natureza da informação, puderam, por fim, ser sistematizados e analisados criticamente- que se deu em um esquema de diagramas que pudesse ser transversais e transpassar todas as camadas e informações observadas, desde os percursos que os

vendedores realizavam durante o dia, quem os auxiliava a levar a barraca e o “pacote” - quando tudo era embalado ao final do dia- onde e o que comiam, com quem viviam, se haviam relações sanguíneas de parentesco, quais riscos eles apontavam como um problema e quais eles nem consideravam como riscos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram reveladas, então, estratégias de organização comunitária, de preservação cultural e afirmação identitária, possibilitando a construção de territorialidades específicas pelos imigrantes africanos.

A subversão das hipóteses iniciais levou à compreensão não apenas das principais dinâmicas do trabalho de rua, mas também de seus desdobramentos sociais, resultando na descoberta de uma rede de apoio já bem estabelecida na região desde a década de 1990.

A produção dos diagramas resultou em: *Presença Africana na República*, que mapeia geograficamente a acomodação deles sobre a camada urbana (barracas, restaurantes, moradia, lojas, instituições), revela que os pontos os quais eles se fixam possuem uma proximidade geográfica e também afetiva; *Rede de Pessoas*, que evidencia as relações sociais e os principais atores da comunidade, somados à relação com atores externos que também circulam pelo espaço, revela que líderes desempenham papéis centrais na circulação de informações, organização das vendas e manutenção das redes de apoio; e *Rotina das Vendas*, que representa o dia a dia dos vendedores, indica que os imigrantes estruturam seu trabalho com alta regularidade, com locais, horários e dias da semana definidos para montar suas barracas, compartilhando estratégias de (sobre)vivência e apoiando-se mutuamente e mantendo práticas culturais africanas, como idiomas, comidas e trajes típicos e cerimônias religiosas. Esses elementos reforçam identidades coletivas e promovem solidariedade dentro do grupo, mesmo diante da marginalização e da vigilância estatal, que socialmente criminaliza o trabalho informal (Munanga e Gomes, 2016; Villalobos, 2019).

O produto final resulta em um grande tecido de aproximadamente 2,5 x 1,5m, com os três diagramas costurados à mão, revelando que são uma continuidade e não podem ser interpretados e analisados de forma independente e separados, pois compõem uma narrativa visual contínua, em que cada parte só ganha sentido pleno quando observada em relação às demais. O tecido Wax, comercializado por eles para fazer peças de roupas, acessórios pessoais, almofadas e outras decorações, foi utilizado no tecido do produto final, mais a técnica da costura: ambos foram escolhidos propositalmente para remeter às práticas de trabalho no Brasil desses sujeitos. Importante evidenciar ‘no Brasil’ já que em seus países de origem, alguns, possuíam outras ocupações profissionais, como enfermeiros, publicitários, pescadores, professores.

Como discutido por Toledo e Spaggiari (2024), essas territorialidades são fluidas, em constante reconstrução, evidenciando a capacidade dos migrantes de produzir espaço urbano a partir de relações sociais, culturais e econômicas, afirmando sua presença na cidade e instaurando novas centralidades que desafiam as formas hegemônicas de ocupação do espaço, o que demonstra não apenas resistência à marginalização, mas também invenção de novas sociabilidades urbanas e, por fim, consolidando redes de apoio e práticas coletivas que reconfiguram a vida urbana no centro de São Paulo.

| observações                                                      | riscos identificados ----- questões                     | riscos identificados ----- como contornam isso?                    |
|------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| área de trabalho exposta ----- roubos de produto                 | roubos de produto ----- como se protegem?               | roubos de produto ----- uns cuidam das barracas dos outros         |
| trabalho na rua ----- irregularidade                             | chuvas, sol e calor ----- como se protegem?             | chuvas ----- não vão trabalhar/tem uma lona para proteger produtos |
| aparentemente poucas vendas ----- fonte de renda, horas extensas | irregularidade ----- podem perder a mercadoria?         | sol e calor ----- guarda sol                                       |
|                                                                  | fonte de renda, horas extensas ----- como se sustentam? | fonte de renda ----- vendem online e na barraca                    |
|                                                                  |                                                         | irregularidade ----- têm uma permissão para trabalhar no local     |
|                                                                  |                                                         | horas extensas ----- trabalham em horário comercial                |

Figura 1: Hipóteses e observações levantadas durante as caminhadas, e conversas com os vendedores de barracas de rua.

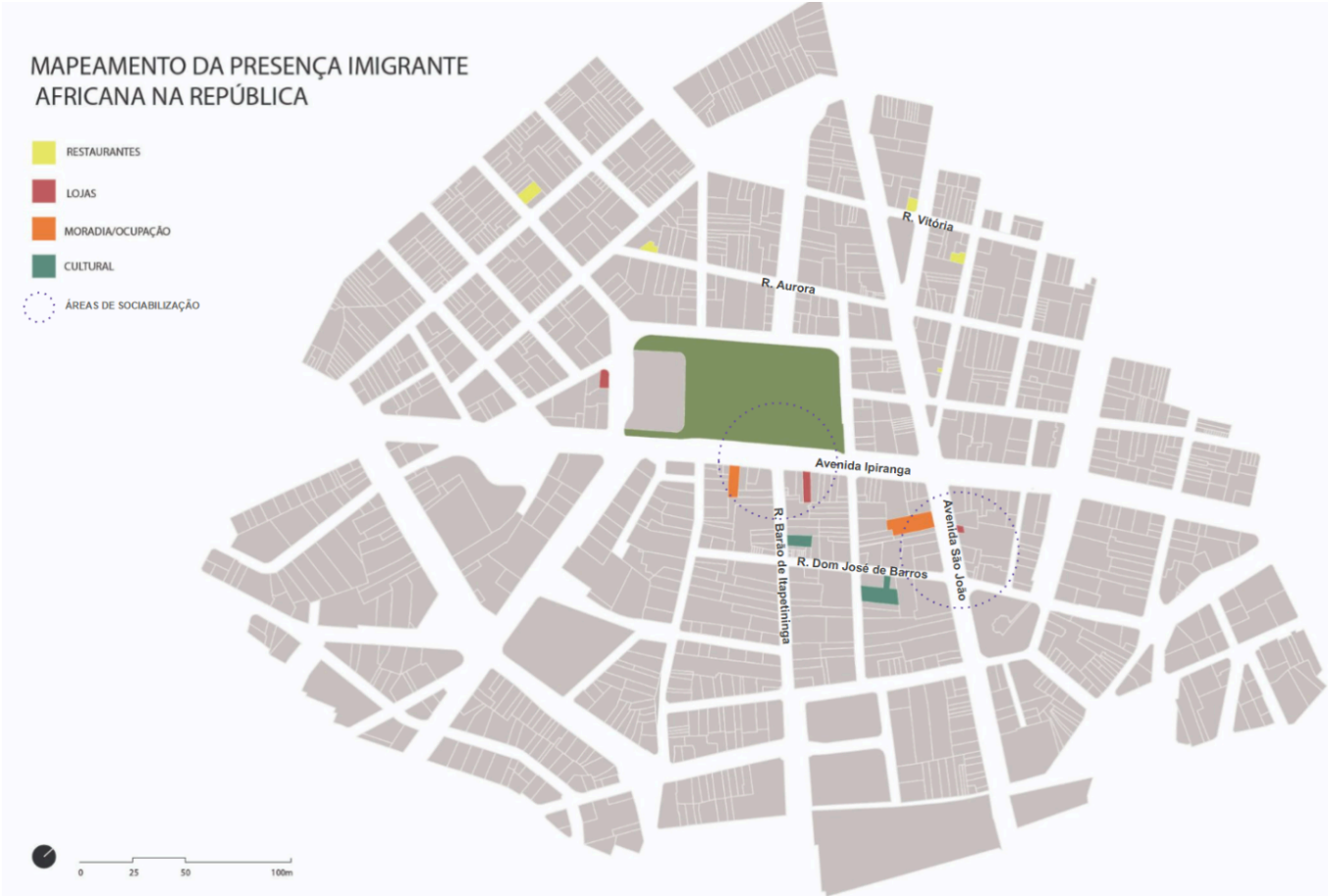


Figura 2: Diagrama digital / territorial de pontos relevantes de permanência dos imigrantes. As barracas de venda se localizam nas ruas Barão de Itapetininga e Dom José de Barros, e Avenida Ipiranga.





Figura 3: Vendedores Serigne (à esquerda) e Djib Ndiaje (de costas) organizando os produtos na barraca antes de iniciar as vendas, na rua Barão de Itapetininga.

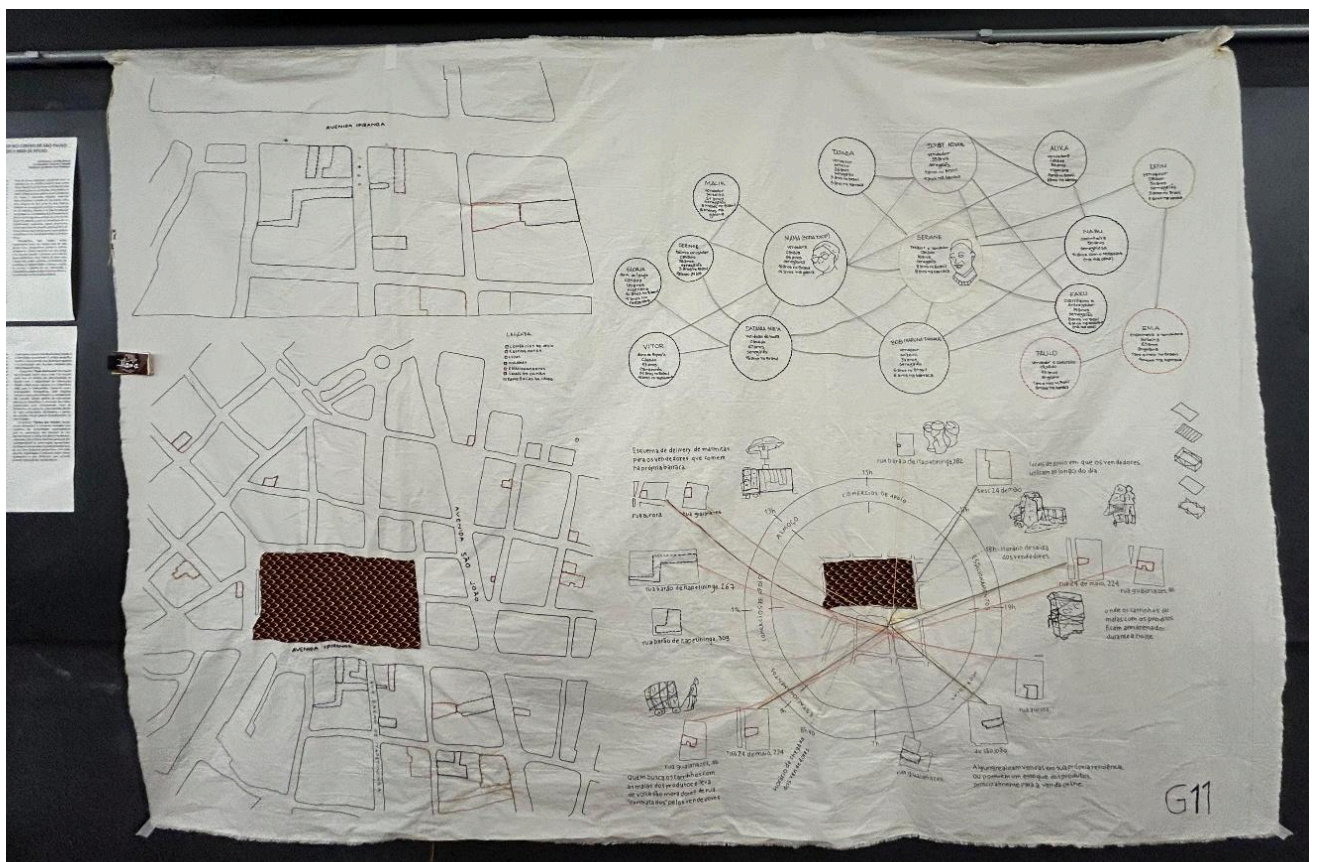


Figura 4: Produto final com os diagramas I) Presença Africana na República (esquerda), II) Rede de Pessoas (superior direito), III) Rotina das Vendas (inferior direito)



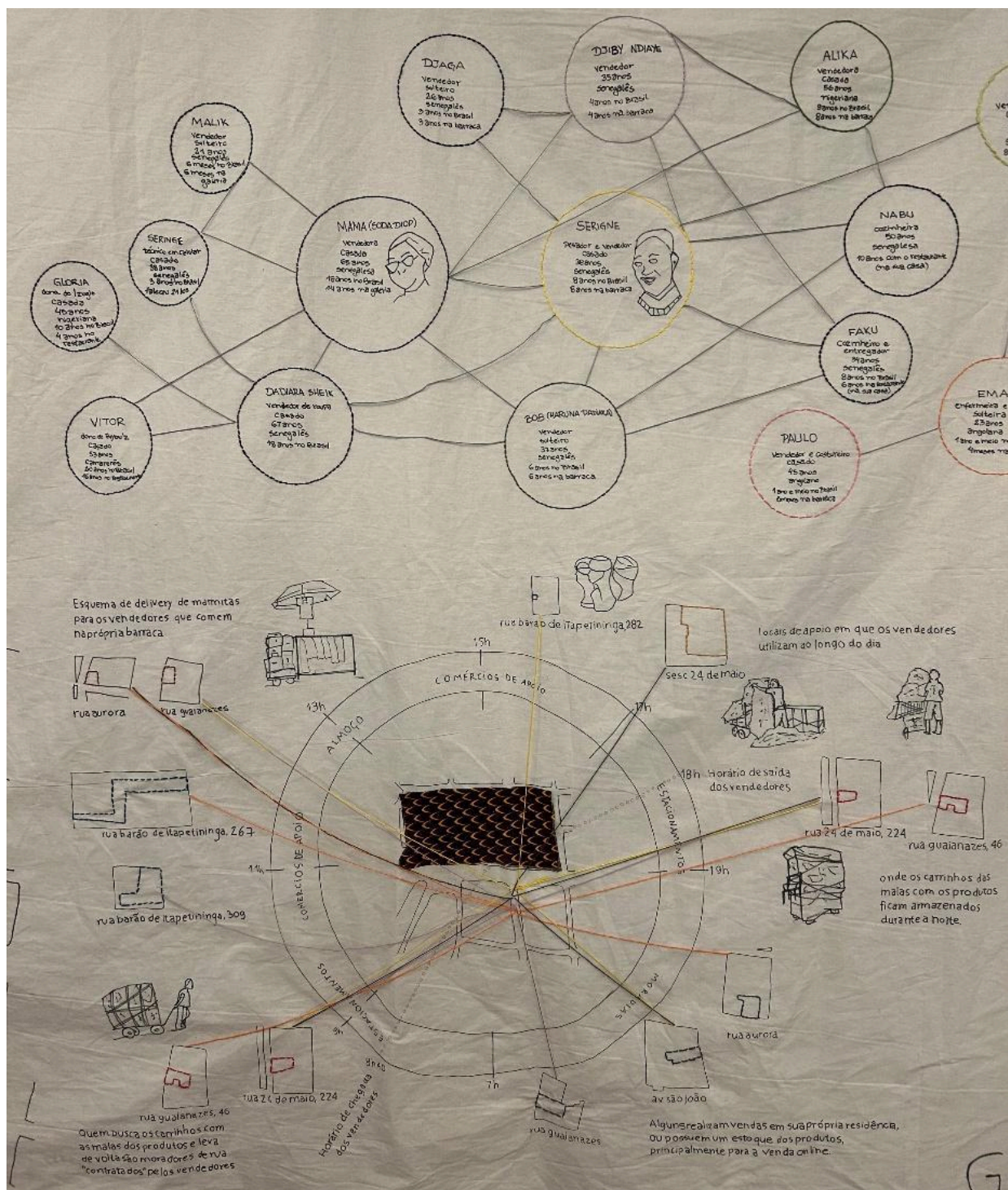
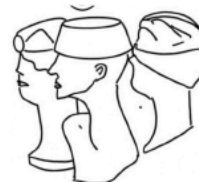
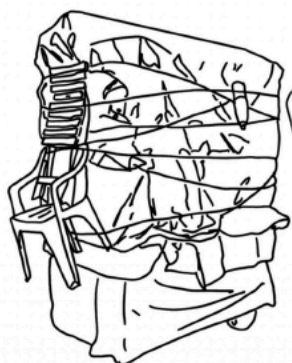


Figura 5: Detalhe dos diagramas Rede de Pessoas (superior) e Rotina das Vendas (inferior). As cores das linhas coloridas correspondem às cores nos círculos de cada respectivo sujeito.



Integrantes do grupo com a Mama, em sua loja na Galeria Lafaeti, na Av. Ipiranga.



Croquis realizados durante as observações e estudos etnográficos



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo indicam que a formação do *pedaço* pelos imigrantes africanos no centro de São Paulo não se limita ao comércio de rua, mas envolve um conjunto de relações sociais, identitárias e culturais que dão sentido ao território. Ao longo da pesquisa, foi possível perceber como, mesmo diante da informalidade, do racismo estrutural e das dificuldades impostas pelo contexto urbano, esses trabalhadores constroem redes de apoio que fortalecem a vida comunitária e possibilitam práticas econômicas e culturais próprias.

Esses elementos dialogam diretamente com os objetivos iniciais, evidenciando que o *pedaço* se constitui como espaço de resistência, pertencimento e organização coletiva, desafiando as formas de invisibilidade presentes no cotidiano da cidade. Além disso, as dinâmicas observadas na República podem servir de referência para compreender fenômenos semelhantes em outras áreas urbanas de São Paulo, com outras comunidades e fluxos migratórios, estes não só de diferentes nacionalidades, mas de grupos sociais que também se estabeleceram de forma sutil no território urbano, de forma legítima, e que construíram e solidificaram suas redes de sociabilidade.

Assim, o estudo contribui para ampliar o debate sobre imigração, trabalho informal e territorialidades negras nas cidades, destacando a importância de reconhecer esses espaços como expressões vivas de resistência, cultura e pertencimento. Mais do que pontos ‘fixos’ de trabalho ou circulação de pessoas e mercadorias, eles revelam e afirmam diferentes modos de ocupar o centro da cidade, desafiando a invisibilidade imposta. Portanto, é válido mencionar a necessidade de políticas públicas que valorizem e fortaleçam essas experiências de cidade, reconhecendo nelas uma parte essencial da diversidade e como expressões legítimas de vida urbana.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à instituição Escola da Cidade por permitir o desenvolvimento do trabalho, à professora orientadora Camille Bianchi, e aos professores co-orientadores Eduardo Colonelli e Érica Tomasoni.

Agradecemos especialmente à Serigne e Mama, assim como a todos os colaboradores imigrantes de Angola, Senegal, Nigéria, Moçambique que enriqueceram nossa pesquisa e se disponibilizaram a participar de modo tão aberto e carinhoso. Hoje passamos por aquelas ruas e sabemos que criamos uma rede de relações especial com essas pessoas.

## REFERÊNCIAS

DE TOLEDO, Luiz Henrique; SPAGGIARI, Enrico. “40 anos (e além) de pedaço: uma categoria da Antropologia urbana brasileira”. *Ponto Urbe*, 32 | 2024. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/16808>. Acesso em: 24 jan. 2025.

MAGNANI, José Guilherme C. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, nº 49, jun. 2002, pp. 11–29.

MAGNANI, J. G. *Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAGNANI, J. G. “Pedaços do centro”. *Revista Espaço & Debates*, São Paulo, ano VI, n.17, 1986, p. 192–193.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. “A produção cultural e artística dos negros no Brasil”. In: *O Negro no Brasil de Hoje*, 2ª ed., São Paulo: Global, 2016, pp. 139–168.



VILLALOBOS, Wendy. "Direito à cidade: formas de apropriação de espaços públicos por senegaleses em São Paulo". *Ponto Urbe* [Online], 25 | 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7328>. Acesso em: 13 ago. 2024.

SILVA DO AMARAL SUZUKI, Lilian. *Trajetórias ocupacionais de trabalhadores imigrantes no Brasil: caminhos desiguais*.